

À conversa com...Urbanismo, pensar a cidade com o coração

Texto: Prof. Alfredo Tinoco e Ana Nóbrega Salgueiro

Fotos: Fernando Valente, Raquel Soares

No momento em que este primeiro número da "malha urbana" chegar às mãos dos leitores os primeiros licenciados em Urbanismo estão a acabar de suar as estopinhas perante o júri que apreciou as teses de fim de curso.

Foi uma longa "peregrinação" por um currículo vasto e variado (já que vária tem de ser a formação do Urbanista) e foi também uma "peregrinação" pela cidade-primeiro em São Marçal, depois na malha labiríntica de Alfama, Sta. Helena, logo bem juntos a uma das zonas mais degradadas de Lisboa, em Alfoanelos e, finalmente, o poiso no Campo Grande. Para sabermos como tudo se passou desde o início fomos procurar o primeiro coordenador do curso, seu fundador e principal impulsionador o professor Mário Moutinho.

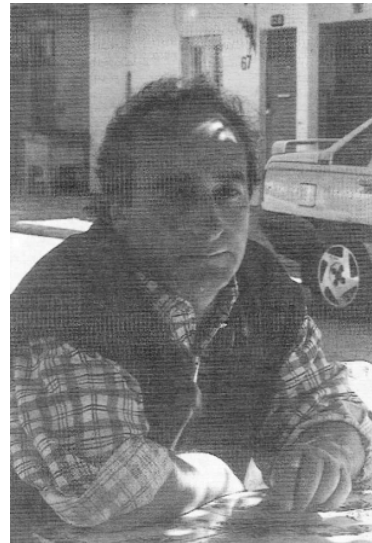
Nascido em Coimbra, no dia de todos os Santos, deambulou primeiro pelo país - Santarém, Monte Redondo (Leiria), Tondela, Lisboa. Acabada a formação liceal rumou a França onde também deambulou e andou um pouco pela Europa.

O 25 de Abril de 1974 pôs fim a um exílio de vários anos. Na bagagem de regresso o professor Mário Moutinho trazia um passado de actividade política e uma mão cheia de esperança no futuro. E lá no meio da bagagem uma licenciatura e alguns anos de trabalho em Arquitectura, variante de Urbanismo. Já em Portugal concluiu o doutoramento em Antropologia.

O cruzamento destas preocupações fizeram dele um batalhador incansável pela renovação da Museologia Portuguesa tendo sido um dos introdutores entre nós da "nova Museologia".

Desde sempre ligado à vida académica, foi professor da Universidade de Lisboa, da Universidade Autónoma e ISMAG/ULHT. Sempre atento à realidade do país e à necessidade de nela intervir foi o criador da formação universitária na área da Museologia, o impulsionador da licenciatura em Arquitectura na nossa Universidade e o obreiro do curso de Urbanismo.

A par da actividade académica e como natural complemento dela, o professor Moutinho é autor de uma vasta bibliografia nos domínios da Antropologia, da Museologia e da arquitectura, além de proferir regularmente conferências e seminários em instituições universitárias do estrangeiro, nomeadamente em Espanha e no Brasil. Uma tarde destas estivemos à conversa.



Questões de linguagem

A primeira surpresa veio no primeiro momento. Não podia ficar registada no gravador. É pena. Tínhamos pensado registar as palavras no gabinete da vice-reitoria que o professor Moutinho ocupa agora na Lusófona, ou numa esplanada com vista sobre a cidade e o rio. Que nada! Se é de Urbanismo que se trata então vamos para onde estão os problemas... urbanos.

E, de repente, estávamos sentados e à conversa num banco de jardim (?) entre a Brandoa e a Colina do Sol.

Gente que passa, espantos e sorrisos, a cidade que pulsa, lá onde o caos ainda impera e se espera a intervenção urgente do Urbanista.

Há, pois, razões por ter criado este curso na Universidade Portuguesa...

"Há uma razão simples, explica Mário Moutinho, a minha formação é de Urbanista. Quando regresssei a Portugal e me pus em contacto com várias Câmaras para trabalhar e reflectir sobre a intervenção urbana, sobre as questões do Urbanismo, apercebi-me rapidamente de que eu utilizava uma linguagem que as Câmaras não usavam. Gastei três ou quatro anos de esforço com Câmaras que não sabiam o que queriam nem percebiam a linguagem. Quando me apercebi disso entendi que a única maneira de criar uma cultura urbanística em Portugal passa pela formação de profissionais, pela criação de um curso de Urbanismo ao nível da licenciatura. Foi esta a razão".

Mas as coisas não nascem do nada, interrogámo-nos nós. Como é que foi o início, que dificuldades apareceram, como se estabeleceu o currículo e como se contactaram os professores numa área sem tradição entre nós?

A resposta veio pronta: *"Não houve dificuldade, porque, procurando bem há bastantes pessoas em Portugal que se preocupam com as questões urbanísticas.*

Tratou-se de localizá-las e a maior parte aceitou leccionar o curso. Na altura houve até contactos com a Sociedade Portuguesa de Urbanistas que igualmente se mostrou interessada no projecto.

Já a aprovação ministerial é outra história. Hoje, eu penso que o curso de Urbanismo foi aprovado pelo Ministério da Educação porque nem a Associação dos Arquitectos nem a Ordem dos Engenheiros se aperceberam... Se não, teriam movido todos os "Iobbies" possíveis para inviabilizar a formação de Urbanistas em Portugal."

Parece que foram só facilidades, objectámos nós.

"Não, não foram. Mas correu bem porque ninguém levantou ondas. Foi tudo feito tranquilamente".

Já sabíamos que a indefinição nestes domínios é grande no nosso país. Ainda não há uma lei que enquadre definitivamente a actividade dos profissionais de Urbanismo em Portugal. Quisemos saber se não haverá grupos de interesse que estão contra a existência de um curso de Urbanismo.

"Há por aí um jogo de interesses muito grande. É que tudo o que tem de ver com Urbanismo, que tem de ver com a Engenharia Civil, movimenta milhões de

contos, muitos milhões de contos. Isto quer dizer que há interesses perfeitamente estabelecidos e que não estão sequer minimamente disponíveis para partilhar a responsabilidade da execução da organização da cidade".

E houve um acolhimento fácil da parte da Universidade, tratando-se de uma área nova e de risco?

"Na Universidade Lusófona as coisas são fáceis. Noventa e cinco por cento do tempo de trabalho na Lusófona é trabalho criativo. Ao contrário de outras instituições que ocupam noventa por cento do tempo com trabalho administrativo, com tarefas burocráticas. Depois o pouco que resta é que é trabalho criativo."



Seja como for, e haverá nisso também alguma criatividade, há tarefas administrativas que tem de ser feitas. Por exemplo, escolher, contactar professores.

"Exigiu trabalho, como é evidente. Mas houve um método. Pensado o currículo, elaborei resumos do programa de cada uma das cadeiras do curso. Tratava-se de apontar pistas. Socorri-me da minha própria experiência; documentei-me; contactei os diferentes cursos que estavam a ser leccionados nas Universidades Europeias. A partir de todo esse trabalho é que constitui um programa mínimo. Depois contactei pessoas que, eventualmente, poderiam encarregar-se desses programas. Que poderiam desenhá-los, dar-lhes corpo. Os professores foram contactados apenas com base nesse esboço do que era o programa. Aí coube a cada um deles, por seu turno, ser criativo. E criaram bons programas."

Parece que os professores *todos* estavam ali à sua volta...

"Não estavam. Mas eram pessoas que tinham preocupações no âmbito do Urbanismo. Mas naturalmente, não tinham tido possibilidades de trabalhar na formação de Urbanistas. Claro que ultimamente tem-se registado a entrada de muitos professores doutorados porque o curso ganhou um certo peso e porque, finalmente estão a chegar do estrangeiro professores doutorados em Urbanismo. E alguns de cá, de Portugal, também."

A tarde escorre soalheira e breve. Não damos pelo passar das horas. Aqui o gravador regista um "Boa Tarde" que não é voz de nenhum interveniente – é uma velhinha que passa e nos cumprimenta. Vozes, gestos, cultura de bairro, quase de aldeia perdida no meio da grande cidade. A cidade que não é só feita de casas. Que é feita sobretudo de gente. Com passado, com história, com um presente apressado, aflito. E com que futuro?

Tudo isso veio à conversa... Sabemos que Mário Moutinho tem uma intervenção conhecida para além da arquitectura e do Urbanismo em áreas tão díspares como a Antropologia e a Museologia social. Intervenção académica e extra-universitária, intervenção teórica mas alicerçada na prática. Como é que se conciliam numa vida só actividades tão diferentes? Isso é que gostávamos de saber.

"Não são nada diferentes!!! Tudo tem de ver com a concepção do mundo em que vivemos. Se nos preocupamos com o património, ou se nos preocupamos com a cidade ou se nos preocupamos com qualquer outra dessas actividades de que falou, no fundo estamos sempre a preocupar-nos com a intervenção social. Todo este trabalho, seja em que área for tem de ser visto nesse contexto. Um curso de Urbanismo, ou um curso de qualquer outra coisa, ou é um trabalho de intervenção ou não faz sentido". E onde é que "faz sentido" esse trabalho? Na Universidade ou fora dela?

"Eu não distingo muito o que é trabalho na Universidade daquilo que é trabalho fora da Universidade. No fundo, faço o que quero, o que acho que deve ser feito dentro da Universidade e fora da Universidade. Trata-se da intervenção de que há pouco falava. No sentido do desenvolvimento." A intervenção para o desenvolvimento é o ponto de união de todas essas actividades? *"Exacto."* Mas há uma que ocupa um lugar central?

"Não. O lugar principal, o que é central é sempre uma questão de postura na sociedade. Intervir ou não intervir. Central é a pessoa...", isso leva-nos à Antropologia... *"Não de maneira nenhuma. Cada actividade, cada intervenção tem o seu caminho. Cada uma ajuda...há relações...é a interdisciplinaridade."* Falamos da prática, e da teoria. Da reflexão sobre a prática. Do que fica para os outros. Percorrida a bibliografia do professor Moutinho há trabalhos em várias áreas. Que importância tem isso é o que nos explicou: *"Acho que é absolutamente fundamental publicar aquilo que se vai pensando. Já agora aproveito para dizer que penso que é muito importante o*

aparecimento desta revista. É fundamental. É a maneira de um grupo redactorial escrever aquilo que pensa. Aquilo que produz. Achei curioso quando propuseram sairmos da Universidade para termos esta conversa. Traduz uma postura. Acho que é fundamental. São momentos chave da relação com os outros."

Voltamos aos livros. Descobrimos uma pérola. Perdida no meio da produção científica há uma história para crianças. Conte lá isso.

"Continuo na mesma. É uma questão de intervenção social. Porque as histórias para crianças são perversas, as personagens femininas geralmente são disciplinadas, há muitos livros racistas, anti-feministas, machistas. A mulher é nervosa, a mulher ou a miúda. Até o cão é mais inteligente do que a mulher ou a miúda. Os rapazes é que salvam sempre as miúdas. É a imagem corrente da maior parte da literatura infantil e juvenil. Eu peguei em personagens, por exemplo, a heroína do livro, é, de todo, feminina. Mas não é uma Maria Rapaz que faz aventuras. É uma pessoa que tem a sua própria personalidade. Que é capaz de pensar. Como se não fosse mulher - que é esse lugar que na literatura infantil coube sempre às mulheres.

Agora diga-me se esta intervenção não é igualmente uma intervenção social? Fazer um livro para crianças sobre isso..."

É. Acho eu. Mas o que eu queria saber é como no meio das preocupações de índole científica aparece a vontade de fazer um livro para crianças. Há razões... há alguma razão de vivência pessoal que possa levar a escrever um livro para crianças?

"Não. Penso é que o romance é uma forma de expressão particularmente rica. Permite, sem as restrições do ensaio, a uma pessoa dizer aquilo que pensa. Acho que estava numa altura da minha vida em que tinha vontade de contar um certo número de coisas: coisas que tem que ver com a vida, com a actividade académica mas não cabem num ensaio. A localização da acção por cima do círculo polar Ártico está relacionada com a minha experiência de antropólogo, na Lapónia. O conhecimento daquelas paisagens... Aquilo é um lugar propício à imaginação, propício a tudo o que é bonito. Tudo aquilo é muito forte, os "fiords", as montanhas. O conhecimento cresce perante a natureza."

Mudança de latitude. Uns tantos graus mais a Sul. Voltamos ao ponto inicial. O Urbanismo, no momento em que estão formados os primeiros licenciados em Urbanismo, que futuro é o deles? Que inserção profissional?

"Depende da "garra" com que vão pegar na profissão. Do ajustamento à realidade e às necessidades do país. Há indiscutivelmente um espaço para os Urbanistas. Basta dizer que os primeiros graduados saem agora, há espaço em todos os países da Europa tanto no sector privado como no sector público. O trabalho do Urbanista existe.

Em Portugal é uma profissão de futuro, não tenho a mais pequena dúvida. Mas o nosso atraso é de tal maneira grande que há muitas Câmaras que nem Arquitectos têm."

Grande espanto. Olho o Sol, a colina... Porquê? Olhemos à volta:

"Estamos aqui num espaço que se chama "Colina do Sol" que é feito dentro de um buraco. Como é que é possível chamar a um sítio que está no fundo de um buraco "Colina do Sol"? Há aqui uma ausência de crítica em relação à habitação. Em Portugal, habitar é uma questão de poder e cimento, não é uma questão de qualidade. Quem vive daquele lado (estamos a ver umas torres, tristes) nem é evidente que tenha melhores condições do que estes aqui. Esta arquitectura é má mas provavelmente já está vencido o problema do saneamento, da electricidade e da água. Mas eu pergunto-me: seria interessante viver aqui? Na parte de cima? Ou na parte de baixo? Se calhar escolhia aquela vivenda..."

Ficamos a pensar em como é que se vai mudar "isto"? Ou seja o que é que os profissionais de Urbanismo podem fazer?

Mário Moutinho não deixa respirar:

“Podem fazer muito se produzirem projectos de qualidade” e continuou. “Isto é, fazer sítios onde as pessoas tenham gosto de viver. Acho, aliás, que é essa a única definição possível de Urbanismo: trabalhar para criar espaços onde seja bom viver. Temos uma cultura, uma maneira de estar. Pertencemos-lhes. É evidente que nas nossas realizações, nos nossos projectos urbanísticos passará também o essencial da nossa cultura, do mundo em que nascemos e em que vivemos. De algum modo isso há-de vir ao de cima. Que esses projectos sejam adaptados à maneira de estar, de pensar e mais, além disso, ao grau de desenvolvimento das forças produtivas deste país. Tudo isso vai determinar que os projectos sejam mais ou menos adequados aquilo que verdadeiramente, é necessário. E eu penso que havendo pessoas com formação feita cá, com professores Portugueses (e não se veja aqui nenhum chauvinismo), mas sendo um trabalho de raiz, aqui em Portugal, provavelmente as pessoas saberão dar respostas adequadas às necessidades que temos.”

Pois é. Olhamos à volta e também achámos que temos muitas necessidades a precisar de resposta adequada. E também acreditamos que ela vai surgir. Como esta tarde acredita no Sol, apesar da paisagem aqui à volta. Como o declínio do sol acredita na serenidade da Noite que vem.

É altura de lembrar ao professor Mário Moutinho que está de saída da coordenação do Curso, que durou exactamente cinco anos, tantos quantos o curso dura. Que conselhos ficam? Ficou um grande sorriso a pairar no ar. Um silêncio íntimo no meio do ruído da cidade.

“Conselhos? Nenhum! O que eu desejo a estes primeiros licenciados que acompanhei desde o início é que quando saírem, saiam a pensar em termos de intervenção mais do que em termos de história... da técnica... o trabalho do Urbanista é um trabalho de intervenção antes de ser um trabalho técnico.

Se os futuros Urbanistas se fecharem dentro de uma pseudo-tecnicidade urbanística nada haverá à espera deles. Mas se pensarem que é justamente através da prática do Urbanista que podem intervir na sociedade e criar um espaço melhor, mais humano, então terão força suficiente para que o seu trabalho ganhe uma verdadeira utilidade.

Parece um pouco confuso, complicado, não é?

Mas é tão complicado quanto a questão é difícil. Isto de dar conselhos não é propriamente o que eu gosto de dar.”

O regresso agitado aos subúrbios tomou conta de nós. Autocarros que vomitavam gente apressada. Temos um silêncio apenas nosso que Mário Moutinho corta:

“Gostaria de ser capaz de responder a essa pergunta. Que conselhos daria? Mas, de facto, eu não sei dar conselhos a mim próprio. Pior ainda aos outros...”

Há horas que estamos aqui à conversa. O gravador registou muita coisa que não cabe no papel. O que cabe são as palavras finais em que não distinguimos a esperança da certeza já que ambas se fizeram uma e vão misturadas no mesmo caminho:

“Deixei-me dizer que o Urbanista é uma questão de postura, que o importante é a intervenção que uma pessoa tem na sociedade; o deixar vir ao de cima os sentimentos, mais do que o saber técnico. É urgente integrar o Urbanista e o trabalho num estado de espírito: O trabalho do Urbanista é pensar com o coração.”